

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

hegemônica e definir processos, ritmos e sintonia entre dirigentes e profissionais de comunicação para garantia da qualidade, legitimidade e impacto da comunicação contra-hegemônica.

“Precisamos chamar a atenção da sociedade. Porque, se a gente consegue convencer a sociedade de que as nossas pautas são válidas, são importantes não apenas para nós, mas também para o país, nossas lutas caminham adiante”.

JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA

Convencer a sociedade de que nossas pautas são válidas

*Janine de Kássia Rocha Bargas²
Thaís dos Santos Choucair³*

Quilombola da comunidade de Guajará Miri, município do Acará, região Nordeste paraense, José Carlos Galiza ocupa atualmente, a função de articulador político da Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará (Malungu) e de Diretor do Departamento de Igualdade Racial do município de Acará. Desde 1999, desenvolve ações no movimento quilombola estadual, regional e Nacional, atuando também como membro da Coordenação Executiva da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq). Uma das maiores conquistas que permeiam sua história de luta, foi a colocação do Pará como o estado com maior número de comunidades tituladas do país, por meio da mobilização nos municípios e associações. A experiência de Galiza como liderança quilombola, junto a pesquisadores, a outros movimentos sociais e com órgãos de Estado em todos os seus níveis, nos ajudam a compreender um pouco das lutas do movimento quilombola, suas estratégias de mobilização e o papel da comunicação dentro e

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, integrante dos Grupos de Pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG) e Comunicação, Política e Amazônia (COMPOA/UFPA). Mestre em Ciências Sociais e graduada em Comunicação Social pela UFPA. Atua em pesquisas sobre comunicação e política, reconhecimento, povos e comunidades tradicionais na Amazônia. E-mail: ninebargas@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG). Atua em pesquisas sobre deliberação e movimentos sociais, feminismo e mídias sociais. E-mail: choucair.thais@gmail.com

fora do movimento, seja na luta por direitos ou contra os retrocessos a ele impostos.

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Eu acho que o papel do movimento social continua o mesmo em relação a tempos passados, porque sempre há luta em defesa dos direitos humanos, sempre há luta por direitos, por políticas públicas, contra tudo aquilo que vem contra a vida, contra tudo aquilo que vem diminuir a possibilidade de as pessoas viverem, contra tudo aquilo que causa perda de direitos. Então os movimentos se posicionam em defesa daquilo que já foi conquistado e contra o que está sendo hoje retirado, renegado. O que eu acho que hoje está mudando é a diminuição do estado democrático. O que a gente vê é que a democracia – o direito de se manifestar, por exemplo – está sendo diminuída. Diminuída pelo poder Judiciário, que vai impondo regras, pelo poder Legislativo, que vai criando novas leis e vai atropelando esse poder democrático, e também pelo Executivo. É o que eu avalio hoje: essa ação de diminuição de direitos, de diminuição do poder democrático.

Para mim, parece que as instituições estão fazendo uma força sempre contrária aos movimentos. Acho que os movimentos hoje estão sendo criminalizados por todas elas. E os meios de comunicação, também como instituições, nunca foram do lado do movimento, mas hoje parece que isso está mais forte, e eles mostram de fato de que lado eles estão, que é o lado dos poderosos, é o lado do governo, é o lado contra os menos favorecidos. Usam manobras de comunicação, principalmente as chamadas grandes mídias. Então, isso também dificulta a atuação dos movimentos.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Primeiro que as grandes mídias do Brasil estão sempre em mãos de velhos políticos. São velhos atores políticos que dominam essa grande mídia, que está sempre a serviço deles. Então, de uma forma geral, os movimentos sociais não têm acesso a elas. Geralmente, quando alguma luta do movimento é divulgada na grande mídia, ela é distorcida.

Se é, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, se é qualquer outro movimento, geralmente o grupo é discriminado pela mídia, as reportagens são distorcidas e só mostram aquilo que eles realmente querem mostrar, apresentam a parte mais negativa dos atos, das ações, e tentam com isso desmobilizar, desqualificar o movimento junto à opinião pública. É isso que eu vejo.

O que os movimentos têm feito é se apropriado é das “mídias ninjas” e das mídias sociais e essas apropriações têm ajudado muito, por exemplo, na articulação dos movimentos. Embora haja a questão das rádios comunitárias, que eu considero muito importante, elas ainda não chegaram a todos os lugares, na base dos movimentos, das comunidades. Além disso, elas são mídias com um alcance muito pequeno em relação aos grandes veículos. É difícil de combater com as grandes mídias. Então eu acho que talvez se as rádios comunitárias pudessem ter um alcance maior seriam ainda mais úteis.

Eu sei também que muitas rádios comunitárias foram fechadas por dificuldades na legalização ou na concessão da outorga e, nesse sentido, acredito que isso tinha que ser um pouco mais desburocratizado, deveriam facilitar a legalização das rádios. No meu município, por exemplo, tinha uma rádio. E era uma rádio comunitária muito interessante, que divulgada as manifestações culturais e onde os movimentos sociais tinham acesso para apresentar suas pautas, suas lutas. Mas, ela começou as atividades e depois não conseguiu se legalizar. Então, chegaram os concorrentes que foram lá e processaram; eles vão processando as rádios comunitárias, alegando que elas estão servindo para outro papel. Ainda tem muito disso também.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Exatamente. Eles tentam divulgar as lutas, as ações dos movimentos, mas de uma forma deturpada. O que mostram não é aquilo que realmente aconteceu, e isso prejudica muito os movimentos. Mas também é aquilo que eu disse, eles não estão a nosso serviço, e sim a serviço de outros grupos, e aí não interessa para eles mostrar o fato como ele aconteceu.

Um outro exemplo: a Rede Globo está com uma campanha atualmente – e eu falo muito da Rede Globo porque acho que é uma das grandes mídias que entram na nossa casa e que manipulam, não só em tempos de campanha política para votar num seu fulano de tal, mas também em outras questões – é uma chamada lá na TV, que vai ao ar a toda hora, sobre a questão do agronegócio. A propaganda fala que “agro é top”, “agro é tudo” e, no final, diz assim: “tá na Globo”.

Na realidade, essa campanha vai de encontro ao que os movimentos sociais, ao que nós defendemos. Nós denunciemos muito o uso do agrotóxico, denunciemos a devastação que o agronegócio vem fazendo, e a Globo vem e contra-ataca, dizendo que “agro é tudo”. E eles não dizem, por exemplo, que agro é tóxico, que agro mata.

Enfim, então, esse tipo de mídia que eles fazem, de certa forma distorce toda uma ideologia dos movimentos sociais. Assim como também outras campanhas ou mesmo o jornalismo é usado dessa forma sobre questões de legislação e perda de direitos, como fazem hoje com a questão da reforma da previdência e as mudanças feitas na área da educação. Sobre isso, uma propaganda do Governo Federal mostra sempre jovens, e aí muitas vezes os jovens negros, que estão lá

dizendo que as mudanças serão boas para eles, quando, na verdade, nós consideramos essas mudanças como retrocessos. Aí, a propaganda vem e usam uma estratégia que acaba convencendo pessoas de que as medidas, que as mudanças pretendidas governo, construirão a melhor forma de educação.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

É como eu falei anteriormente: eles estão a serviço ou de políticos tradicionais ou de grandes empresários – tanto da área agrícola quanto de outras áreas. Então sempre eles fazem o que podem para atacar as lutas dos movimentos, que vão de encontro à ideologia que eles pregam.

Agora, falando especificamente do movimento Quilombola e de quando uma comunidade é titulada, ou quando é criada uma reserva ambiental, essas áreas são retiradas do mercado. São áreas que depois que tituladas não podem ser vendidas, nem arrendadas. Então o que a mídia prega? Prega que isso seria um atraso para o país. E que, ao contrário, o agronegócio é o desenvolvimento do país; que, por exemplo, a instalação de barragens de hidrelétricas é o desenvolvimento do país. Então, desta forma, vai totalmente contra o tipo de desenvolvimento pensado pelas comunidades tradicionais. E aí a propaganda acaba influenciando a todos. E aqueles que têm o poder influenciam os órgãos que têm competência para titulação territorial.

Daí vem um monte de coisa: hoje, por exemplo, existe a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Incra⁴ e da Funai⁵ para investigar a homologação de terras indígenas e titulação de terras quilombolas. E na realidade o que eles querem não é investigar isso. Eles estão utilizando mecanismos para fazer com que os processos de titulação, que já estavam lentos, acabem parando, intimidando servidores públicos desses órgãos e pesquisadores que são aliados dos movimentos nesses processos.

Então são muitas estratégias que são usadas e a mídia incentiva. Às vezes não fala abertamente, mas prega alguma outra coisa que leva a sociedade a pensar que titular uma terra quilombola é um atraso para o país. Que regularizar uma área de ribeirão, uma reserva extrativista, é um atraso para o país. Na realidade, eles atuam em várias frentes. E essa frente que a mídia faz, que é atuar sobre a ideologia das pessoas, sobre a ideia e as concepções das pessoas é uma delas.

Tem outra frente que luta contra nós que é no Legislativo, que é alterar as leis. Então, altera as leis ambientais, as leis de exploração mineral e outras. E essas alterações das leis vão diminuindo

⁴ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. É o órgão de Estado responsável pelos processos de titulação de territórios quilombolas em terras da União.

⁵ Fundação Nacional do Índio. É o órgão de Estado responsável pelos processos de demarcação de terras indígenas no país.

o acesso das comunidades tradicionais aos seus territórios, aos seus direitos e aumentando os deles, os das empresas. Há, claramente, esse ataque.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Eu diria que o ideal é que a gente tivesse um espaço dentro da grande mídia, porque ela tem um grande alcance. Vamos supor: se um movimento social conseguisse ter um programa dentro de uma mídia de grande alcance para poder mostrar a história por uma outra face, isso seria importante. Embora eu ache que estamos bem longe de chegar nisso.

O caso das rádios comunitárias, que ainda é presente nos movimentos, e eu acho que essa luta enfraqueceu muito, inclusive com a mudança de governo, nessa conjuntura atual. Mas, se continuássemos com as rádios comunitárias, se conseguíssemos, por exemplo, que essas rádios tivessem um maior alcance teríamos boas visibilidade para os movimentos, uma outra forma de mobilização e articulação também. Um programa que é, por exemplo, lá do Maranhão, que pudesse em determinado momento estar “linkado” com uma rádio aqui do Pará, de uma comunidade seria fundamentalmente importante para nossas mobilizações. E aí poderíamos pensar: hoje o programa vai ser transmitido do Pará, amanhã vai ser transmitido do Maranhão, depois de outro lugar, enfim, seria o espaço dos movimentos sociais, com seu diálogo, com sua visão, mostrando suas realidades, as dificuldades e as conquistas também – porque, embora sejam poucas, existem conquistas. Essa talvez fosse uma ideia interessante.

Precisamos, então, chamar a atenção da sociedade. Porque, se a gente consegue convencer a sociedade de que as nossas pautas são válidas, são importantes não apenas para nós, mas também para o país, nossas lutas caminham adiante. Puxando um pouco aqui a conversa para a questão das comunidades tradicionais, nós hoje somos os guardiões das florestas. Somos nós que produzimos alimentos sem venenos, sem agrotóxico, para nós e para as cidades. Há tanta coisa boa que as comunidades tradicionais fazem e que a sociedade precisa saber. A contribuição que as comunidades tradicionais, as comunidades quilombolas, dão ao meio ambiente, é enorme. Somos nós que fazemos o serviço ambiental tradicional, cuidados de tudo porque é nossa forma de viver, e fazemos isso sem cobrar nada, apenas o direito ao território. Resumindo, as pessoas têm que entender o bem que essas comunidades fazem para sociedade em geral, principalmente para quem está nas capitais, que precisa entender a importância de ter a floresta em pé, a importância do seu rio preservado.

Outra coisa importante: nós começamos um trabalho de tentar levar internet para as comunidades quilombolas. Eu acho que quando você coloca internet numa comunidade, primeiro você tem uma facilidade de diálogo com a comunidade, você consegue passar informações. E a

comunidade consegue também falar com o mundo. Ela consegue através da internet, das redes sociais, se comunicar para fora. O alcance do telefone nas comunidades rurais é muito restrito, as vezes nem funciona. Mas a internet, se for internet via satélite, é possível que a comunidade tenha um bom sinal. Já é uma experiência que temos inclusive em algumas comunidades. Na relação com os meios de comunicação isso também ajudaria. Então, nós temos que pensar uma comunicação para fora, que é uma comunicação para a sociedade brasileira ou para sociedade mundial, mas também temos que pensar uma comunicação para dentro, para articulação e mobilização.

E nesse sentido, falando especificamente sobre essa questão da internet e das mídias sociais, você acha que no caso das comunidades quilombolas, esses recursos quando são disponíveis, eles não são utilizados com toda sua potência? Ou você acha que eles são pouco utilizados para fortalecer o movimento?

Na experiência que eu tenho acompanhado, a internet tem ajudado bastante. Não diria bem, mas razoavelmente bem. Acho que precisa também de algumas orientações, talvez alguma formação específica de acesso a essas mídias. Porque as mídias sociais trazem muitas coisas boas, muitas informações boas, mas também muita coisa ruim. É preciso que haja filtro. Acho que precisa de mais orientação nas comunidades no uso dessas mídias, no uso da internet, para tirarmos maior proveito.

Mas hoje eu diria que já há um acesso razoável. As comunidades já conseguem acessar na maioria das vezes para uma boa causa: para se mobilizar, para passar informações. Hoje por exemplo nós temos aqui no Pará a associação dos discentes quilombolas da Universidade Federal do Pará. E eles estão em rede, numa rede social. E eles conseguem debater, se comunicar, falar dos problemas, falar das conquistas. Se mobilizar para conquistar um espaço dentro da Universidade para além da sala de aula, em mais espaços políticos, de decisões políticas. E eu acho que tem sido muito interessante. Eles têm ocupado alguns cargos de conselho, de articulação dentro. E eles se mobilizam utilizando muito essas ferramentas.

Considerações finais

Então, pensando de uma forma geral sobre os movimentos sociais e suas estratégias, incluindo as estratégias de comunicação, eu acredito que temos que mudar algumas questões. Antes, os movimentos iam para as ruas, ocupavam as ruas, faziam ocupações para tentar ter visibilidade sobre alguma pauta ou para que a conquista de algum direito pudesse acontecer. E até conseguia uma abertura de diálogo, alguma negociação com os poderes, com os órgãos que têm poder para

resolver aquela determinada questão. Hoje, o que eu avalio é que o povo vai para a rua e nada muda. Você pode ficar lá gritando, fechando ruas, e nada muda.

Eu cito um exemplo recente do Pará mesmo: nos municípios de Marituba e Ananindeua, existe um aterro sanitário, um lixão, na verdade. Nesse local é depositado todo o lixo de Região Metropolitana de Belém. E fizeram esse lixão onde existem famílias. Famílias de trabalhadores rurais, de pessoas de baixa renda. E jogam o lixão no meio deles. Por conta do mau cheiro e da poluição, essa população começou a fazer uma manifestação, fechar a rua e outras ações para chamar a atenção de quem pode resolver a situação deles. Mas um juiz, simplesmente, expediu uma liminar proibindo que eles fechassem a rua. Isso é um outro exemplo do que eu falo em relação à diminuição da democracia.

Diante disso, acho que os movimentos sociais têm que mudar de estratégia. Acho que a estratégia hoje é tentar ocupar espaços de decisão, para poder fazer política para as comunidades. Porque, na realidade, se você observar, quase os todos os outros segmentos estão representados dentro do Legislativo. Você tem lá bancada ruralista, você tem lá bancada evangélica, a bancada da bala e outras, somente o povo menos favorecido – seja os trabalhadores rurais, os quilombolas, os ribeirinhos, até o povo das baixadas das cidades – esses não têm representante. Não tem representante! E outro problema que acontece também é que os poucos que a gente conseguiu colocar lá, que foram lá e falavam “ah, eu sou deputado eleito pelos trabalhadores rurais, sou defensor dos trabalhadores rurais” não nos defende mais.

Aqui no Pará, por exemplo, está muito forte a chegada dos quilombolas na Universidade. De 2012, 2013 para cá, são vários quilombolas que estão na Universidade, que estão cursando vários cursos. Tem quilombola fazendo curso de Direito, outros de Pedagogia, outros na área social. Enfim, a minha esperança é que quando essa galera se formar, ela vai fazer diferença dentro do setor que ela estiver. Se é uma pedagoga, dentro da sala de aula ou dentro das suas pesquisas ela vai trazer essa mudança, essa diferença.

Então, acho que uma estratégia que o movimento tem que fazer é essa: começar a buscar forças para ocupar tanto o Legislativo, quando o Judiciário, quanto o Executivo, se for o caso, e usar a comunicação dentro de todos esses processos, seja interna entre as comunidades, entre o movimento, ou no relacionamento com os grandes veículos e com a sociedade em geral.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

